



**FACULDADE REDENTOR**  
**DEPARTAMENTO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E ATUALIZAÇÃO**

**Violência Escolar: a atuação do gestor como fator  
preponderante para minimizar os riscos.**

**Autora: Miriam Lazarine**  
**Prof.<sup>a</sup> Msc Ivanete da R. S. Oliveira**

**Três Rios, RJ**  
**2011**



**FACULDADE REDENTOR**  
**DEPARTAMENTO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E ATUALIZAÇÃO**

**Violência Escolar: a atuação do Gestor como fator  
preponderante para minimizar os riscos.**

Artigo apresentado ao Curso de Pós-graduação em Administração, Supervisão e Orientação Escolar como requisito à obtenção do título de especialista em Administração, Supervisão e Orientação Escolar.

Aluna: Miriam Lazarine

Prof.<sup>a</sup>: Msc. Ivanete da R. S. Oliveira

**Três Rios, RJ**  
**2011**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Violência Escolar: a atuação do gestor como fator preponderante para minimizar os riscos.**

Aluna: Miriam Lazarine

Orientador:

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Msc. Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

---

Prof. Dr. Adilson Pereira

Dedico esta monografia a Deus,  
pois sem Ele jamais  
conseguiria ter chegado até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelas vezes que tentei fraquejar e obtive sua presença, toda a minha devoção. Eu te agradeço por teres nos dado um corpo perfeito e uma mente sã.

A minha família pela presença nos momentos difíceis da minha jornada e por estarem sempre me apoiando e me alegrando nos momentos difíceis dessa longa e árdua caminhada.

## **Violência Escolar: a atuação do gestor como fator preponderante para minimizar os riscos.**

Aluna: Miriam Lazarine

Prof.<sup>a</sup> Ms Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

### **RESUMO**

Neste presente trabalho apresenta o papel da família e o envolvimento das crianças com todos que o envolvia e na atualidade deixa implícito os valores existentes dentro da nossa sociedade que cerca o mundo vivencial das crianças em todas as áreas existenciais. Mostra a Violência em suas diversas formas e causas, como um fato existente desde os primórdios antigos. Fala da atuação do Gestor trazendo sugestões à equipe Escolar em busca da erradicação da Violência Escolar. Deixa explícito a força da Mídia no dia a dia da criança exaltando a violência como um ato normal para os seres humanos; mostra a causa da violência que acontece dentro do âmbito familiar, onde a criança vive em meio à hostilidade dos familiares refletindo isto na Escola com Professores e colegas de classe. Aponta a Violência em seus âmbitos como um problema social como: desemprego, renda econômica insatisfatória, escolaridade, religião, desestrutura familiar etc. Mostra a atuação do Gestor e o seu trabalho para minimizar os riscos da Violência Escolar, trabalhando através disso os direitos dos cidadãos no currículo e promovendo a conscientização constante através de Palestras, cursos com especialistas, estimulando a análise crítica sobre as diversas formas de Violências vivenciadas pelas crianças. Faz um estudo sobre o Bullying; o que ocorre com o que praticam tal ato e o que acontece com as crianças que são vítimas desta situação constrangedora. Explica o trabalho do Gestor na Gestão Pacificadora que é o de Ensinar os valores necessários, para um melhor desenvolvimento da criança tais como: democracia, regras para a sua convivência, o respeito, a solidariedade, a tolerância e o esforço pessoal para com o próximo.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

<b>1. O PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. VIOLÊNCIA E SOCIEDADE.....</b>	<b>11</b>
2.1. Causas da violência.....	12
2.2. A Violência como problema Social.....	14
<b>3. VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA ESCOLAR, ATUAÇÃO DO GESTOR NESTA PROBLEMÁTICA.....</b>	<b>16</b>
<b>4. BULLYING.....</b>	<b>24</b>
<b>5. GESTÃO PACIFICADORA.....</b>	<b>26</b>
5.1. Por uma Escola pacificadora.....	27
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

A sociedade mundial tem sido um pouco indiferente relativamente aos seres que são socialmente frágeis e que muitas vezes adotam condutas violentas como forma de proteção e/ ou imitação.

A violência nas escolas não é um fenômeno novo. Todavia tem vindo a assumir proporções tais que a escola não sabe que medidas tomar para sanar este problema.

Pretende-se com este trabalho fazer uma breve abordagem sobre os fenômenos da violência exercida por jovens nas escolas e como tal fato é devido a problemas de inadaptação, confirmando se essa inadaptação é consequência do meio onde se inserem.

Ao longo deste trabalho serão alvo de reflexão o papel da família na educação numa perspectiva histórica até aos dias de hoje; o fenômeno de violência e como ela se registra na sociedade; a violência nos jovens frutos da ausência de referências positivas no meio onde se circunscrevem; análise da violência e seus implicados no contexto escolar e se poderá haver uma interação positiva ou não entre a escola e seus alunos. Serão também apontadas as causas da violência, sua prevenção e como o educador social, enquanto profissional qualificado, poderá agir na prevenção do fenômeno em questão.

Em suma, procurou-se aprofundar os conhecimentos em torno desta temática, com um intuito ávido de conhecer como a escola, a família e em sentido lato a sociedade se organiza na gestão desta problemática tão grave nos dias de hoje.

Este trabalho nos possibilitou elaborar algumas reflexões sobre a escola que temos e a escola que queremos, em termos do atendimento à maioria da população brasileira.

A escola não está satisfazendo aos seus usuários, não apenas em relação aos aspectos pedagógicos, diante das elevadas taxas de evasão e repetência, mas, também na gestão do aparelho escolar. Há de fato uma insatisfação da população em relação à instituição escolar e como os mecanismos legais nem sempre chegam ao conhecimento das camadas menos favorecidas, a justiça passa a ser feita por "conta própria"

Incentivar comportamentos de trocas, diálogos, estimulando a análise crítica dos alunos sobre situações variadas.

Portanto, o que se pretende com esse trabalho é ser tão-somente uma reflexão sobre a indisciplina e a violência que atinge as nossas escolas. Seu objetivo é simples: sistematizar algumas reflexões sobre o mundo violento de nossas escolas. Mas há também um



outro objetivo, mais difícil de ser alcançado: contribuir para pensar-se o tema, como passo para o repúdio de todas as formas de violência.

## **1 – O PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO**

O que entendemos de família hoje não se aplicava há algum tempo atrás, pois houve algumas alterações de acordo com o evoluir dos tempos.

Nos primórdios dos tempos, os termos criança ou adolescente não existiam. Antigamente, a criança que conhecemos hoje era considerada um "adulto jovem", não tendo infância,. A este propósito, Philippe Ariés (1988: 10-11) refere que:

Passava-se diretamente de criança muito pequena a adulto jovem, sem passar pelas várias etapas da juventude de que eram talvez conhecidas antes da Idade Média e que se tornavam o aspecto essencial das sociedades evoluídas dos dias de hoje.

Como as crianças antigamente eram consideradas “adulto jovem”, logo se envolviam com os adultos em atos sociais tradicionais, de ajuda aos pais, nos labores habitacionais no caso das meninas e nos meninos na conservação dos bens e negócios familiares. Era deste modo que adquiriam conhecimentos e valores essenciais à sua formação. Neste sentido, podemos dizer que a educação da criança não era assegurada pela família.

A família nessa época não demonstrava afetividade, embora o amor fosse um sentimento presente. A afetuosidade era vislumbrada pelas pessoas mais próximas às crianças tais como as amas, os serventes, os vizinhos, etc.

Com o passar dos tempos, chegamos à época do Estado Novo; neste período, à esposa era responsável pela educação dos filhos, auferindo dependência econômica quase total do marido. Aliás, a figura do pai surge como o único responsável pelo sustento familiar e, se ele desaparece, não há dinheiro para comprar o necessário para a subsistência familiar. Com as alterações sociais pós 25 de Abril, a família sofreu grandes transformações, que já tinham sido encetadas noutros países já democratizados. Diminuiu o número de filhos por casal, o casamento tornou-se mais instável com um número crescente de divórcios, aumentando as famílias mono parentais e reconstruídas, as mulheres passaram a ter uma atividade profissional, estudarem até mais tarde, auferindo de independência econômica e relegando muitas vezes a maternidade para segundo plano.

Atualmente, as famílias abordam assuntos que jamais seriam abordados pelas famílias dos tempos passados. Os pais já não são mais os únicos responsáveis pelo sustento da família, não são mais os senhores absolutos da lei e da ordem, nem os únicos cuidadores dos

bens da família. Neste sentido, as mães não são mais unicamente as protetoras do lar e zeladoras da educação e formação dos filhos.

O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (reforça que: a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas".

Hoje, devido às exigências atuais, os pais cedo colocam os filhos em creches ou infantários. Chegam em casa exaustos de um dia de trabalho, alguns ainda têm os serviços domésticas ou trazem trabalho para casa. A criança é colocada em segundo plano, deixando-as sozinha assistindo televisão ou brincando sem um adulto que lhe dê atenção. A relação familiar centra-se prioritariamente nas necessidades físicas da criança, ou seja, na alimentação, na higiene, no descanso. Desde criança que as novas tecnologias imediatamente as seduzem e permitem a aquisição de novos saberes. O seu conhecimento vem progredindo através das informações que recebe do meio onde se insere, do meio familiar, do grupo de pares, da escola, dos meios audiovisuais.

Para o jovem atual, o lazer e o convívio com os colegas é de suma importância no processo de socialização e formação. Machado Pais (1993) refere que as culturas juvenis são fortemente viradas para o lazer, de certa forma em oposição ao saber tradicional da escola e da família, que privilegia a ordem e a certeza, o ensino e a transmissão de conhecimentos e experiências entre pares.

Mesmo havendo uma certa interferência na transmissão de valores de pais para filhos, os jovens de hoje adquirem a sua identidade não só dentro, mas também fora da família, através de discursos variados que a escola e a família poderão ou não integrar. Neste sentido, a família não pode delegar a sua função e atribuir responsabilidades aos outros agentes educativos na formação dos seus descendentes.

## **2 – VIOLÊNCIA E A SOCIEDADE**

O termo violência é descrito em qualquer dicionário de português, como uma "qualidade ou estado do que é violento; força empregada contra o direito natural de outrem; ação que se faz com o uso da força bruta; crueldade; força; tirania; coação". Neste sentido, a violência significa obrigar a fazer algo, utilizando a força, a coagir alguém.

Em toda história da Humanidade, o Homem exerceu e foi alvo de violência. Como exemplo, podemos citar um trecho bíblico que retrata uma série de crueldades das quais Jesus Cristo foi vítima; ainda podemos citar ao longo da história fatos como: enforcamentos em praça pública; homens que lutavam até à morte nos coliseus para deleite da assistência; a Santa Inquisição que vitimou inúmeras pessoas, o nazismo e as excessivas guerras que povoam a história da humanidade.

Ao longo de nossa história, vimos que sempre o Homem exerceu e foi alvo de violência e, em decorrência disso, alguns autores vem tentando explicar essas causas, este fenômeno. Freud é da opinião que o Homem tem uma predisposição inata para a violência, nasce e cresce num ambiente violento, porque também a sociedade é violenta.

O que presenciamos hoje são crianças que assistem desenhos animados televisivos nas quais as personagens utilizam a violência para conseguir os seus intentos, por vezes são atos nobres tais como salvar um amigo em perigo ou para salvar o planeta. O poder de sedução da televisão e a capacidade de imitação das crianças formam uma cumplicidade que pode atuar perigosamente na formação cognitiva destas. Neste sentido, para estas crianças a violência é "algo normal", utilizam-na como "arma quando consideram que ela é eficaz para conseguir os seus propósitos".

A violência pode ser encontrada de diversas formas, mas num sentido restrito, pode ser definida como uma ruptura brusca da harmonia num determinado contexto, podendo ser sob a forma de utilização da força física, psíquica, moral, ameaçando ou atemorizando os outros. Essa violência pode igualmente ser considerada de âmbito público ou de âmbito privado. A primeira é mais visível, influi e distorce a imagem da sociedade. É a que mais preocupa o Estado, pois é geradora de polêmica. A segunda é mais recôndita, como é o caso da violência familiar, com o cônjuge ou com os descendentes. Outro desmembramento conceitual da violência pode ser de gênese estrutural ou de gênese conjuntural, sendo que a primeira afeta uma parte significativa da população e várias instituições. A violência estrutural é congênere a uma doença crônica, pois é instalada numa parte da sociedade e vai criando metástases por toda a sociedade. A sua cura reside numa planificação eficaz,

coordenada entre as instituições para solucionar a problemática em questão. A violência conjuntural registra-se em momentos ocasionais e mesmo que não se vislumbre uma solução, com o passar do tempo é esmorecida. O aglomerado de população descontente com os traçados de auto-estradas são exemplos de violência conjuntural.

Mais na verdade o que se leva a esses atos violentos são: a sustentação de alguns valores de determinada sociedade, crenças, sobre o bom e o mau de uma ação que força o indivíduo a operar de acordo com essa convicção.

## 2.1 – Causas da violência

A violência tem inúmeras causas, porém, é difícil de fazer um levantamento preciso de toda essa violência, tanto, que não existem dados estatísticos concretos acerca do número de jovens autores e alvos de violência. No ano de 1998 foram acompanhados crianças e jovens em risco num total de 2.979 indivíduos. Todavia, em 2001 o total de crianças e jovens adolescentes era de 9.504, ou seja, quase que quadruplicou. Há alguns fatores sociais que são apontados como situações de risco, quais são: abandono, negligência, abandono escolar, maus tratos, abuso sexual, trabalho infantil, exercício abusivo de autoridade por parte dos pais, condutas desviantes observadas nos menores, prática de atos qualificados como crime, uso de estupefacientes e ingestão de bebidas alcoólicas e outras condutas desviantes.

As causas da violência podem ser:

- **A Família** – neste núcleo social, as crianças e jovens tem início à sua formação de conduta que irão ser exteriorizadas. A pobreza, violência doméstica, alcoolismo, promiscuidade, desagregação dos casais, ausência de valores, etc., são as principais causas que deterioram o ambiente familiar. Uma criança que vive num meio onde apresentam todos esses fenômenos, estará sujeito ou será alvo de violência. Há famílias que participam diretamente na violência que ocorre nas escolas. Impotentes para lidarem com a violência dos seus descendentes, acusam os professores de não “domesticar” os seus filhos, instigando a agressividade e, em extrema instância tornam-se eles mesmos violentos, agredindo os professores e funcionários.
- **Os alunos** – diante do exposto no item “Família”, muitas vezes a problemática da violência não se centra na educação e sim no ambiente familiar. A grande questão é que muitas escolas tentam resolver os problemas para os quais não estão preparadas e que não são da sua

competência, como a questão social da família dos alunos. Na verdade, todos os alunos são potencialmente violentos, sendo a escola sentida como uma imposição por parte da família ou do Estado. Isso se dá pelo fato dessa imposição familiar ou estatal ao aluno e este, passa a enxergar as aulas como um local de constrangimento e de repressão de desejos. Alguns alunos, ainda um tanto quanto repressivo permanecem na escola sem fazerem grandes distúrbios. Outros se revoltam, criticam a imposição das normas estabelecidas, da autoridade e submissão aos professores.

- **Os grupos e turmas** – tal formação de grupos ou turmas, influenciam certos comportamentos que os adolescentes demonstram, sendo o resultado de processos de imitação de outros membros do grupo. Alguns alunos ou jovens procuram obter respeito e prestígio pela restante comunidade escolar e, para isso promovem certas manifestações públicas de violência. Isso se dá pelo fato dos grupos familiares estarem cada vez mais desagregados, abrindo-se um vazio que será preenchido por estes grupos ou turmas formados a partir de interesses e motivações diversas.
- **A escola** – Não é de hoje que há alunos com menos capacidades intelectuais do que outros, porém, esses alunos são esquecidos no fundo das salas de aula, criando focos de revoltas por parte de alguns que se sentem largados, se sentem marginalizados. A escola de hoje, que se auto-intitula de inclusiva, não o é de fato.

A este propósito Jacques Delors (1996) aconselha os "sistemas educativos" a não conduzirem:

Por si mesmos, a situações de exclusão. O princípio de emulação, propício em certos casos, ao desenvolvimento intelectual pode (...) ser pervertido e traduzir-se numa prática excessivamente seletiva, baseada nos resultados escolares. Então, o insucesso escolar surge como irreversível, e dá origem, frequentemente, à marginalização e exclusão sociais."

Na realidade as escolas não estão preparadas para enfrentar a complexidade dos problemas atuais, designadamente os que se prendem com a gestão das suas tensões internas. A crescente participação dos alunos, pais, entidades públicas e privadas nas decisões tomadas nas escolas, tornou-se uma fonte de conflitos e não raramente terminam em situações de descontentamento e de agressividade. As associações de pais, quando funcionam, encaram muitos dos professores como incompetentes que aproveitam todas as ocasiões para se furtarem às aulas e recorrerem à baixa por doença, para não terem que enfrentar os alunos e os problemas daí adjacentes.

## 2.2 - A Violência como um problema social

A violência e as violações dos direitos humanos no Brasil, têm sido bem divulgada na sociedade em geral, aparecendo com bastante frequência e ênfase nos meios de comunicação e, constituem-se em uma das maiores preocupações da população nas grandes metrópoles brasileiras.

Esta realidade desmistifica a imagem tradicional de que o brasileiro é "um povo sentimental, ordeiro e pacífico". Toda essa violência, estampada nos grandes centros do país, comprova que a sociedade brasileira é extremamente violenta, apresentando-se sob diferentes formas de manifestações. Por isto, é mais fácil se falar de violências no plural, ou seja, a violência urbana, a policial, a familiar e a escolar.

Estas violências, não são exclusividades da sociedade brasileira, mas há violências em outras sociedades no mundo que, também vivem experiências de elevadas taxas de violações dos direitos humanos, entre estas, a violação do direito à vida é muito freqüente.

Apesar das violações dos direitos humanos constantes no Brasil e estarem amplamente divulgadas, não têm conseguido tornar-se um tema de debate social mais amplo, com maior clamor público.

Neste quadro merece destacar que boa parte da população brasileira que sofreu alguma forma de agressão, parece desconhecer as formas, os mecanismos de reparação ou desacreditar nas instituições públicas. A maioria da população não procura a justiça para reclamar a violação dos seus direitos. Pesquisa recente, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE mostra que metade da população pesquisada que declarou ter-se envolvido em algum conflito, afirmou não ter ido à justiça e, mais de 50% dentre essas pessoas afirmaram fazer justiça "por conta própria", o que de certa forma, reforça a necessidade dessas pessoas resolverem seus problemas de modo individual e privado.

Esta forma de a população tentar resolver ou reparar violações, não contribui para o avanço da democracia, uma vez que não são priorizados os mecanismos de atendimentos públicos, mas aqueles que atendem parte da população.

A criminalidade violenta distribuiu-se iniquamente: os moradores dos bairros pobres são sabidamente as maiores vítimas da violência das grandes cidades brasileiras, enquanto os mais ricos são os que vivem nos locais mais seguros.

O abandono do espaço público e a proliferação de espaços fortificados privados para uso coletivo também não resolvem a questão da violência, como é o exemplo dos condomínios fechados que desenvolvem práticas sistemáticas de revistas nos empregados, nas

portarias dos prédios. Estas são medidas muito mais de controle e de exclusão social do que de segurança ao conjunto daquela população.

Na verdade, na questão da violência, percebemos que "inexiste vontade política" para enfrentar os diferentes tipos de violência, bem como inexiste uma tomada de consciência da sociedade de que ela é responsável, ou seja, de que o problema da violência tem raízes econômicas, sociais e culturais; que diz respeito aos governos e aos políticos, mas também às famílias, às escolas, às igrejas, às empresas, aos sindicatos e associações de profissionais, aos meios de comunicação, à sociedade civil.

A violência, para esses autores, é hoje uma questão mundial, pois afeta as grandes metrópoles, inclusive as dos países de Primeiro Mundo. É considerada "um problema de utilidade pública e usar apenas a repressão simplesmente não funciona. O germe da violência se propaga em proporções semelhantes às das doenças infecciosas". E o mais grave é que esta problemática não pode ser combatida com vacinas para que se possa obter resultados mais rápidos como nos casos dessas doenças.

São vários os fatores que determinam as causas da violência, são elas: desemprego, renda, escolaridade, religião, cor e desestrutura familiar, entre outros.

Esta compreensão sobre as causas da violência são várias as explicações que têm sido utilizadas sobre o fenômeno da violência. Uma delas é calcada nas determinações sociais e econômicas.

Esta enorme gama de fatores torna o problema social violência mais difícil de ser combatida, devido a sua complexidade, requerendo assim uma definição e execução de políticas públicas sociais nas áreas básicas, destinadas ao atendimento de todos os cidadãos. Infelizmente, no Brasil, temos visto que, além da ausência de políticas nesta direção, é a vivência de práticas sistemáticas de violência e de violação de direitos praticadas pelo próprio Estado, quando, este não garante aos cidadãos os direitos que lhes são assegurados, constitucionalmente, há várias décadas, como é o caso do direito à educação, entre outros.

Em relação à educação o grande problema é a repetência e a evasão escolar que vem margeando o sistema escolar, há décadas, numa total incompetência do Estado, pois este não garantiu a universalização da escola pública para todos os cidadãos, também não tem conseguido garantir aos que nela ingressam a sua permanência com qualidade. Muitos dos repetentes deixam a escola, diminuindo o número dos que conseguem chegar até ao 9<sup>a</sup> Ano de Escolaridade, enquanto outros continuam a freqüentar a escola para se alimentar, pela convivência e por um pouco de esperança de que alguma coisa melhor lhes possa acontecer.

Embora saibamos que as origens do fracasso escolar encontra, explicação também, no interior da escola, este interior é resultante do conjunto de determinações político-sociais, onde as definições e a vontade políticas têm maior peso.

As manifestações de violência também aparecem nas relações entre as instituições públicas e os seus usuários. Geralmente estas instituições são estruturadas com base em modelos de organização privada, patrimonialista, com características de gerenciamento autoritário, de mando e desrespeito, cuja prevalência não tem sido do atendimento ao público, no sentido do bem coletivo, e a escola também reproduz este modelo.

O que nos parece bastante grave, além da violência em si, é o fato de que as várias formas de violência, produzidas no cotidiano da sociedade parecem não mais indignar a população brasileira. É como se a mesma fosse "aceita" por todos, a tal ponto que a população convive com esta realidade sem maiores traumas, ou seja, a própria vida parece não ter maior significado, chegando ao ponto de ser banalizada. Matar ou morrer não faz maior diferença.

Este quadro de violência e a falta de indignação da população em relação a esta problemática, especialmente em um Estado como São Paulo, que apresenta grandes contradições sócio-econômicas, uma vez que é responsável por 50% do Produto Nacional Bruto, PIB, mas detém elevadas taxas de criminalidade e de violação dos direitos humanos. Partindo da compreensão de que, as contradições que perpassam o conjunto da sociedade se manifestam e se refletem no interior da escola, resolvemos aprofundar e explicitar essas relações. Estes foram, portanto, os principais motivos que nos levaram a realização deste trabalho.

### **3 – VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA ESCOLAR, ATUAÇÃO DO GESTOR NESTA PROBLEMÁTICA**

Deve o Gestor diante do fato da problemática da Violência Escolar trabalhar com a equipe docente sugestões como:

- Fazer com que a escola se torne mais atualizada para que os alunos gostem mais dela.
- Trabalhar a problemática da violência e dos direitos dos cidadão no currículo escolar, através do conjunto de disciplinas, na perspectiva da interdisciplinaridade.



- Promover um processo de conscientização constante, através de palestras, cursos com especialistas, sobre a temática da violência, sobretudo em um trabalho conjunto com a família e a comunidade.
- Respeitar as opiniões divergentes.
- A família assumir o papel de formadora dos seus filhos.
- Desenvolver dinâmicas para melhorar o entrosamento entre os alunos e entre estes e os professores.
- Tratar todos os indivíduos com respeito e dignidade, valorizando o que cada um tem de bom.

Incentivar comportamentos de trocas, diálogos, estimulando a análise crítica dos alunos sobre situações variadas.

Portanto, o que se pretende com esse trabalho é ser tão-somente uma reflexão sobre a indisciplina e a violência que atinge as nossas escolas. Seu objetivo é simples: sistematizar algumas reflexões sobre o mundo violento de nossas escolas. Mas há também um outro objetivo, mais difícil de ser alcançado: contribuir para pensar-se o tema, como passo para o repúdio de todas as formas de violência.

Indisciplina, disciplina e violência; a conceituação dessas três palavras na língua portuguesa encontraremos algumas definições, tais como: "todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, à rebelião" constituir-se-ia em indisciplina. A disciplina enquanto "regime de ordem imposta ou livremente consentida que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc.)", implicaria na observância a preceitos ou normas estabelecidas. A violência, por sua vez, seria caracterizada por qualquer "ato violento que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral".

A escola como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirme: "quanto mais igual, mais fácil de dirigir". A homogeneização é exercida por meio de mecanismos disciplinares, ou seja, de atividades que esquadriham o tempo, o espaço, o movimento, os gestos e as atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos corpos uma atitude de submissão e docilidade.

Assim como a escola tem esse poder de dominação que não tolera as diferenças, ela também é recortada por formas de resistência. Compreender esta situação implica em aceitar a escola como um lugar que se expressa numa extrema tensão entre forças antagônicas.

Como a pluralidade das ações aí presentes não se reduz à uniformidade, o princípio da homogeneização, imposto pela escola, não se coloca tranquilamente, pois ele

repousa numa inquietação frente à existência dos diferentes grupos. A disciplina imposta, ao desconsiderar, por exemplo, o modo como são partilhados os espaços, o tempo, as relações entre os alunos, gera uma reação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência.

Se ensinar é mais do que transmitir conteúdos, ou seja, é poder gerir relações com o saber, a aprendizagem implica uma tensão, uma violência para aprender.

A classe é o lugar onde se tece uma complexa rede de relações. Mas na medida em que o professor não consegue perceber essa teia ele concentra os conflitos ou na sua pessoa, ou em alguns alunos, não os deslocando, portanto, para o coletivo. Como não há reversibilidade de posições, forma-se uma rígida divisão entre aquele que sabe e impõe e aquele que obedece e se revolta. Dessa forma, cada um passa a ser movido por uma ordem, por uma obrigação que é imposta e não incorporada.

O professor imagina que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem, mas a diversidade dos elementos que compõem a sala de aula impede a tranqüilidade da permanência neste lugar. Ao mesmo tempo em que a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo, pois se, de um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, de outro, ele desencadeia novos dispositivos para que o aluno, ao se diferenciar dele, tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida.

O grande problema talvez esteja no fato de o professor se concentrar apenas na sua posição normalizadora achando que, com isso, ele conseguirá eliminar os conflitos. Mas, as efervescências da sala de aula marcada pela diferença, pela instabilidade, pela precariedade, apontam para a inutilidade de um controle totalitário, de uma planificação racional, pois os alunos buscam de modo espontâneo e não planejado o "estar junto" que impede a instalação de qualquer tipo de autoritarismo. Quanto maior a repressão, maior a violência dos alunos em tentar garantir as forças que assegurem sua vitalidade enquanto grupo.

Na sua ambigüidade, a indisciplina não expressa apenas ódio, raiva, vingança, mas também uma forma de interromper as pretensões do controle homogeneizador imposto pela escola. Tanto nas brigas (envolvendo alunos, professores e diretores) como nas brincadeiras, existe uma duplicidade que, ao garantir a expressão de forças heterogêneas, assegura a coesão dos alunos, pois eles passam a partilhar de emoções que fundam o sentimento da vida coletiva.

A escola tende a reforçar ora a integração plena, ora a rejeição total e, com isso, ela rompe o eixo das redes em que se apóiam a aproximação e a recusa afetivas. Esse desequilíbrio desvincula a escola de seu enraizamento junto aos alunos, represando sentimentos que freqüentemente explodem sob as formas mais indesejáveis.

O objetivo de eliminar a violência e a indisciplina, ou de colocá-las para fora do campo escolar, faz com que se perca a compreensão da ambigüidade desses fenômenos que restauram a unicidade grupal e instalam uma tensão permanente. Quando essa tensão é vivida coletivamente, ela assegura a coesão do grupo; quando impedida de se expressar, transforma-se numa violência tão desenfreada que nenhum aparelho repressor, por mais eficiente que seja, poderá conter.

Portanto, nem uma liberação geral, nem uma ordem absoluta tem eficácia sobre o movimento dos diferentes grupos que compõem o território escolar, e que obedece a leis próprias. O confronto da escola com essas leis obriga à negociação, à adaptação. Quanto maior a sua capacidade em assumir e controlar a violência, mais a escola dará ao conjunto uma mobilidade que permitirá driblar e agir com tolerância perante os diferentes tipos de agitação.

Mas, quando a escola se enrijece, aplicando uma lei única para todos os casos, o coletivo se desestrutura porque as discordâncias, deixando de ser objeto de negociação, enfraquecem os vínculos da trama social e começam a ser tratadas por especialistas. O diretor passa a depender, por exemplo, dos peritos (policiais, bedéis, orientadores, psicólogos, etc.) que se utilizam da força física, moral e/ou psicológica para conter o movimento da violência. Contudo, a ação desses peritos será pouco eficaz, porque quando a violência não é eliminada, ela assume outras modulações e rompe regularmente, trazendo à tona tudo o que foi rejeitado.

Como diretores de escola, professores, educadores em geral irão negociar com os conflitos? Não se trata de receitar formas que levem a essa negociação, mesmo porque não existe plano algum que solucione o problema da violência e da indisciplina de modo a eliminá-las por completo. O conflito está sempre presente, o que obriga a trabalhar, a cada momento, com todas as turbulências do dia-a-dia, localizando as formas através das quais elas se compõem em relação aos limites e às coerções da instituição.

Uma disciplina homogeneizadora que valha para a escola toda, feita para um conjunto de alunos equivalentes àqueles de um passado idealizado ("dos velhos tempos"), está destinada ao fracasso. Com o advento da escola de massas, há outras regras em jogo que nada têm a ver com a experiência que vivemos no passado. Existe um conjunto de histórias tão

diversificadas que precisam ser conhecidas para que os educadores descubram os mundos de onde os alunos provêm.

É preciso construir práticas organizacionais e pedagógicas que levem em conta as características das crianças e jovens que hoje freqüentam as escolas. A organização do ano escolar, dos programas, das aulas, a arquitetura dos prédios e sua conservação não podem estar distantes do gosto e das necessidades dos alunos, pois, quando a escola não tem significado para eles, a mesma energia que leva ao envolvimento, ao interesse, pode transformar-se em apatia ou explodir em indisciplina e violência.

Como encontrarmos um equilíbrio entre os interesses dos alunos e as exigências da instituição? É preciso deixar de acreditar que paz signifique ausência de todo conflito.

Empreendimentos que flexibilizem o tempo e o espaço do território escolar, que não excluam a possibilidade de dissidências e nem o debate sobre estas questões, podem dar início ao despontar de uma solidariedade interna que recuse o coletivismo, isto é, a imposição unitária de comandos, e que engendre uma luta pelo coletivo, ou seja, uma atividade conjunta que rompa com o isolamento das pessoas e crie uma comunidade de trabalho.

Essa comunidade faz nascer a troca recíproca, sem eliminar a autonomia das pessoas e as suas diferenças. Mas para que exista esta solidariedade, é preciso correr o risco da separação, da hostilidade que atravessa todas as redes da trama social escolar e que faz relembrar as bases do seu funcionamento. Os múltiplos confrontos e o viver ambíguo (entre a harmonia e o conflito) integrado a uma ação coletiva, não atomizada, são os fatores que concretizam o gostar da escola, ainda que apenas para encontrar os amigos.

Educar exige, ao mesmo tempo, criatividade, flexibilidade, escuta e limite. Na teoria, isso parece fácil, mas na prática, não o é.

Começando pelos pais: na ânsia de acertar sempre, acabam cometendo erros primários, o que os leva a um sentimento de culpa. Esse sentimento estimula a permissividade, como forma de compensação. Da mesma forma, o medo de errar, frustrar ou contrariar acaba transformando em problemas situações simples do dia-a-dia.

Continuando com os professores: nunca se publicou, discutiu e questionou tanto sobre educação e desenvolvimento emocional de alunos. Da mesma forma, nunca se teve tanta insegurança em relação ao processo educacional. Antes, a tarefa de educar era (ao menos aparentemente) mais simples, pela existência de regras rígidas, quase dogmáticas. Com o decorrer dos anos, a globalização, o avanço da tecnologia, o amplo acesso à cultura, e diante de uma grande massa de informação sobre o processo educativo (e sem saber muito bem o

que fazer com isso), educar torna-se um ato mais complexo, e a teoria se torna cada vez mais distante da realidade familiar e educacional. Pais e educadores, por confusão ou insegurança, são levados a posições excessivamente liberais, mescladas de culpa, ao tentarem impor limites aos filhos e alunos (é proibido dizer "não"). Isso resulta, muitas vezes, em uma completa ausência de autoridade, já que educar implica sempre, em menor ou maior grau, a necessidade de impor limites, mediante regras básicas claramente estabelecidas. Nessa inversão de papéis, o autoritarismo e a tirania dos pais e professores cedem lugar ao autoritarismo e à tirania dos filhos e alunos.

Será que os nossos alunos mudaram tanto, ou é a nossa sociedade que está mais exigente, depois que a tecnologia lhe permitiu várias regalias? Na essência, crianças, adolescentes, alunos não mudaram tanto assim: eles foram e sempre serão insistentes quando querem alguma coisa; eles estarão sempre testando autoridade e tentando quebrar limites, com um refinado grau de percepção das fraquezas e inseguranças dos educadores.

O diálogo, o respeito, o companheirismo e a comunicação verdadeira são essenciais para o desenvolvimento, assim como o limite e a disciplina. As regras justas são de uma ajuda indispensável. Regras justas, e não regras inflexíveis, já que a agressividade e o autoritarismo podem gerar rancores, hostilidade, sentimentos de rejeição e rebeldia. Só se educa aquele que não se tem necessidade de dominar.

Esses elementos nos remetem à importância da família como a formadora da primeira identidade social, agindo como mediadora entre o indivíduo e a sociedade. É nessa instituição que se dão os primeiros contatos com o mundo das regras e dos valores vigentes na sociedade. A escola não substitui a família e nem supre a sua falta. Os pais, primeiras referências e figuras de autoridade, tornam-se responsáveis pelas diversas formas com que seus filhos irão lidar posteriormente com os limites impostos pela vida em sociedade. Pais inseguros, omissos, incoerentes serão referenciais negativos para os filhos, estimulando neles a transgressão e a rebeldia.

Interagindo com a família, a escola participa desse projeto comum, que é a formação / educação da criança e do adolescente. Nesse sentido, o esclarecimento mútuo de direitos e deveres por educadores e educandos pode se constituir um facilitador no processo educativo.

Não se pode esquecer, ainda, que valores fundamentais como respeito mútuo, honestidade, reciprocidade, tolerância, solidariedade, consideração, perderam muito de sua credibilidade nas sociedades atuais, onde as relações estão cada vez mais superficiais e

desprovidas de afetividade e onde cada vez mais se busca incessantemente o poder, estimulando o individualismo exagerado.

Indisciplina, pela própria etimologia, sempre andou lado a lado com a educação escolar. A literatura e as conversas de ex-alunos estão repletas de exemplos e de casos concretos. Talvez, no contexto descrito no parágrafo anterior, esse fenômeno tenha passado de ingênuo, salutar e motivador, para violento, marginal e desagregador, quando então pode desembocar na violência.

Fatores que concorrem para o aumento da indisciplina nas nossas escolas: desmotivação, promoção automática ("progressão continuada"), falta de infra-estrutura material e humana, falta de professores, despreparo do pessoal, excesso de burocracia e falta de maior contato com os alunos, pouca participação de comunidade.

A violência, especialmente nas grandes cidades, parece tão entranhada em nosso dia-a-dia que pensar e agir em função dela deixou de ser um ato circunstancial, para se transformar num modo de ver e de viver a vida em sociedade. Sua face mais imediata e sensível é a que se exprime pela agressão: agressão física ao corpo, aos bens, à família, aos amigos. Essa violência está presente nos bairros sofisticados, nos bairros de classe média e nas favelas. Pode-se perceber as suas conseqüências na paisagem urbana: nos bairros menos pobres, a arquitetura que, antes, buscava conquistar espaços exteriores, com jardins abrindo-se para as ruas, ampliando o espaço visual, hoje, busca a segurança e a defesa. Os espaços são fechados, o exterior é abandonado, o espaço visual é restringido: é a arquitetura de defesa e proteção (muros altos, espaços sombrios, guaritas), que se aproxima da concepção medieval de moradia. A casa tende a ser menos vista como lugar de repouso e tranquilidade e mais como um refúgio contra a vida exterior. Nos bairros mais pobres, em que a violência não pode ser evitada com cercas e muros, a única arma parece ser a criação de uma atmosfera de conformismo, vendo-se na violência um componente normal das relações entre as pessoas. Paradoxalmente, no entanto, a melhor defesa contra a violência não é aprender a conviver com ela, mas sim aprender a combatê-la.

Como vimos anteriormente, o homem é um ser violento. O viver em sociedade sempre foi um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência sempre estará presente. Na pré-história, uma das condições básicas de sobrevivência do homem, num mundo naturalmente hostil, foi sua capacidade de produzir violência numa escala desconhecida pelos outros animais. Já com o homem histórico, que vive em sociedades complexas e diferenciadas, essa violência ganha contornos diferentes: deixa de ser uma defesa

para a sobrevivência, uma agressividade necessária frente a um universo hostil, para tornar-se uma decorrência do modo pelo qual o homem passa a organizar sua vida em comum com outros homens.

As leis sempre estabeleceram o que é permitido e o que é proibido, consagrando os limites de violência permitidos a cada sociedade. Sociedades diferentes decretam violências diferentes. Nas sociedades menos complexas, em que o nível de proximidade entre as pessoas é maior, a solidariedade, a redistribuição e a reciprocidade são princípios básicos da convivência humana. Em certas sociedades primitivas, onde os homens se agrupam e se organizam para garantir a sobrevivência, a acumulação de riquezas significa estocar alimentos e objetos de uso que, num determinado momento, serão distribuídos e consumidos por todos. Por outro lado, uma longa tradição do pensamento ocidental defende a desigualdade como condição para uma sociedade mais rica, mais complexa, mais individualista e menos distributiva. O fenômeno da desigualdade parece não decorrer de relações entre homens, mas sim de forças que transcendem tais relações (a "engrenagem societária"). É a institucionalização da desigualdade, que leva à institucionalização da violência. Toda violência é institucionalizada quando se admite, explícita ou implicitamente, que uma relação de força é uma relação natural.

A violência social, fenômeno estrutural, complexo, tem um componente no mínimo curioso: a consciência de sua existência não implica a eliminação de suas causas.

O problema do menor abandonado e da delinqüência, por exemplo, nos coloca num extremo da questão. Estamos convencidos de que esse é um problema grave de nossa sociedade e que deve e precisa ser resolvido. O que se vê, na prática, é um quase desprezo de nossos governantes pelo problema, limitando-se a tomar medidas paliativas e inócuas, quando a solução passa por uma melhor distribuição de renda, investimentos maciços em educação, critérios e honestidade na alocação de recursos.

A violência escolar será vencida quando a sociedade for organizada de tal forma que as diferenças entre os homens sejam cada vez menos sensíveis. Na história, o homem tem sido o que a sua sociedade é. Se ela é injusta, ele também o é; se é violenta, ele é violento. Mas é a consciência que o homem precisa ter de que é, em última análise, o produto de sua sociedade, que o pode levar a lutar contra as injustiças e as violências.

Fatores que concorrem para o aumento da violência na escola: abandono familiar, falta de lazer, ociosidade, facilidade de aquisição e uso de armas, facilidade de aquisição e

consumo de drogas, falta de policiamento, impunidade, falta de controle e vigilância, banalização da violência, desmotivação.

#### **4 – BULLYING**

Essa palavra tem origem na língua inglesa Bullying ainda sem tradução para o português, porém tem algumas equiparações para a nossa língua pátria como: valentão, brigão, ameaça ou intimidação e, embora seja ainda pouco conhecida, refere-se a uma prática freqüente nas escolas.

O primeiro a relacionar a palavra ao fenômeno foi Dan Olweus, professor da Universidade de Noruega. Ao pesquisar as tendências suicidas entre adolescentes, Olweus descobriu que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, bullying era um mal a combater.

Portanto, Bullying são todas as formas de atitudes agressivas intencionais e repetitivas que ridicularizam o outro. Atitudes como comentários maldosos, apelidos ou gracinhas que caracterizam alguém, e outras formas que causam dor e angústia, e executados dentro de uma relação desigual de poder que são características essenciais que tornam possível a intimidação da vítima. Hoje, isso é um problema mundial, é encontrado em qualquer ambiente escolar, não restringindo um tipo específico de instituição. Isso surgiu, pois os pais e a escola não davam muita atenção para o fato, que geralmente achavam as ofensas bobas demais para terem maiores conseqüências, o jovem recorria a uma medida desesperada.

Estudos da Abrapia demonstram que não há diferenças significativas entre as escolas avaliadas e os dados internacionais. A grande surpresa foi o fato de que aqui os estudantes identificaram a sala de aula como o local de maior incidência desse tipo de violência, enquanto, em outros países, ele ocorre principalmente fora da sala de aula, no horário de recreio. Segundo algumas pesquisas os autores são, indivíduos que geralmente não tem empatia, freqüentemente, pertencem a famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. Seus pais exercem uma supervisão pobre sobre eles, toleram e oferecem como modelo para solucionar conflitos, comportamento agressivo ou explosivo.

Os que praticantes do BULLYING têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais e/ou violentos, podendo vir a adotar, inclusive,



atitudes delinqüentes ou criminosas. Os alvos são pessoas ou grupos que são prejudicados ou que sofrem as conseqüências dos comportamentos de outros e que não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos contra si. São, geralmente, pouco sociáveis. Um forte sentimento de insegurança os impede de solicitar ajuda. São pessoas sem esperança quanto às possibilidades de se adequarem ao grupo. A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento. Alguns crêem ser merecedores do que lhes é imposto. Têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a simular doenças. Trocam de colégio com freqüência, ou abandonam os estudos. Há jovens, que por extrema depressão acabam tentando ou cometendo o suicídio. As testemunhas, representadas pela grande maioria dos alunos, convivem com a violência e se calam em razão do temor de se tornarem as "próximas vítimas". Apesar de não sofrerem as agressões diretamente, muitas delas podem sentir-se incomodadas com o que vêem e inseguras sobre o que fazer. Algumas reagem negativamente diante da violação de seu direito a aprender em um ambiente seguro, solidário e sem temores. Tudo isso pode influenciar negativamente sobre sua capacidade de progredir acadêmica e socialmente.

Quando não há um trabalho anti-bullying, o ambiente escolar torna-se totalmente contaminado. Todas as crianças, sem exceção, são afetadas negativamente, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo. Alguns alunos, que testemunham as situações de Bullying, quando percebem que o comportamento agressivo não traz nenhuma conseqüência a quem o pratica, poderão achar por bem adotá-lo.

As medidas adotadas pelo Gestor junto à equipe Educacional no contexto escolar para o controle do Bullying, se bem aplicadas e envolvendo toda a comunidade escolar, contribuirão positivamente para a formação de uma cultura de não violência na sociedade.

É uma iniciativa ao grupo de alunos que adotam contra um ou vários colegas, em situação desigual de poder, causando intimidação, medo e danos morais a outros. E tem como objetivo, conscientizar os alunos a respeitar as diferenças evitando a queda no desempenho escolar, isolamento, abandono dos estudos e baixa auto-estima.

## 5. GESTÃO PACIFICADORA

A atuação do Gestor Pacificadora na problemática da Violência Escolar é de grande importância para que o aluno passe a ter condutas positivas refletidas no bem, o que ocasionará um ambiente de paz e de luz na vivência com seus colegas de classe.

É de praxe que a violência está latente no nosso meio social onde podemos ver brigas que se transformam em tragédias, agressões físicas que machucam e até debilitam levando o outro a ficar em cima de uma cadeira de rodas, no meio deste bombardeio de notícias apavorantes que a Mídia apresenta com a maior naturalidade deve o gestor criar situação dentro do contexto Escolar fazendo o aluno a ver com um olhar de repugnância para tal situação constrangedora que fere a moral e a boa conduta do ser humano que é a Imagem e Semelhança de Deus.

Para que haja mudanças de atitudes do aluno é preciso com urgência desoportunizar a realidade da violência que está cara a cara com a criança através das informações que ele recebe pela TV, revistas e jornais. Toda a negatividade vivenciada pelo aluno será minimizada através de projetos e situações que mostrem o lado do bem vencendo o mal através de boas ações e atos, tudo isto deverá ter o sentido complexo de que a Educação é tudo para que haja mudanças de comportamentos social e deve-se ter este aspecto como o alvo principal da Escola.

Diante de todos os embates que apontam para a Violência em nossa Sociedade, deve o Gestor ter a consciência disso levando para o plano da Educação a formação de seres pacíficos dentro de uma sociedade onde a criança e o adulto são bombardeados por maus exemplos, devendo assim o gestor estar sempre trabalhando a desenvolver atividades e projetos incentivando e levando o aluno a valorizar e praticar o bem.

Os Homens não nascem naturalmente maus, a sociedade é que os transforma. De fato, nenhum ser humano nasce violento, ou criminoso, o seu destino não está traçado após a nascença. Os seus comportamentos são fruto do ambiente a que são expostos. (Rousseau)

Deve assim o Gestor junto ao Corpo Docente estar sempre focado na implantação de valores e novas maneiras de conduta, formando assim novos comportamentos e maneiras corretas.

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reflexo da opressão, da violência, dos conflitos que acontecem na sociedade. É importante argumentar que as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina cabendo assim ao gestor entrar com sua ação pacificadora.

Para podermos dar conta de algumas formas de violência e de indisciplina que dinamizam a vida cotidiana da escola, é preciso apreender, na ambigüidade desses fenômenos, seus modos específicos de manifestação.

Quando o professor experimenta a ambigüidade do seu lugar, ele consegue, juntamente com os alunos, administrar a violência intrínseca ao seu papel. Isso não significa que a paz reinará na escola, mas que alunos e professores, por força das circunstâncias, serão obrigados a se ajustar e a formular regras comuns - os limites do fechamento e de tolerância. Portanto, nem autoritarismo e nem abandono. O professor ocupa o seu lugar limitador, mas ele também abre brechas que permitirão ao aluno negociar e viver com mais intensidade a misteriosa relação que une o lugar-escola e o nós - alunos.

### 5. 1 Por uma Escola Pacificadora

Após a tragédia no Rio de Janeiro, onde um ex aluno, entrou na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, no Rio de Janeiro, e atirou contra as crianças, deixando 12 mortas e outras feridas, os profissionais da área manifestaram sua opinião e afirmaram que se esse sistema fosse aplicado, tráfico de drogas, assaltos, bullying, homicídios e outros atos de violência que freqüentemente acontecem nas escolas, poderiam ser evitados.

Esta lei visa reduzir o índice da violência nas escolas, levando o aluno um acompanhamento pedagógico seguindo os critérios da Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira, e na lei estipula o psicólogo na sala de aula, sendo a Escola mediadora diante dos comportamentos negativos do aluno devendo a Escola detectar dificuldades de interação, de aprendizagem dos alunos que possui bloqueios existente por causa de traumas familiares e social.

Na era atual a humanidade é bombardeada pela Mídia por circunstâncias, onde o homem é vítima das violências em todo o seu grau culminante, também vem atrás desta negatividade a instituição família recebendo o flúir destes fatos, lá na frente o reflexo disso tudo cai como uma luva na Escola.

Diante de todo bombardeio de notícias cujo teor principal é a violência, cabe a Escola ter a sua atuação pacificadora, levando ao aluno a ter os conceitos de Paz, Amor e a União como atitudes correta a serem usadas continuamente por todos os seres viventes.

A Escola deve sempre estar criando Projetos que trabalhe a Paz, Amor e a União em toda a sua complexidade, estendendo todas as atividades através disso às Comunidades que estão situadas no entorno da Escola.

Através de Palestras, Teatros, Filmes que traz exemplos da importância da Paz e da expulsão da Violência todos os objetivos da Pacificação estarão sendo trabalhados e conseqüentemente concretizados progressivamente por todos os envolvidos. Também uma atividade interessante é estar apresentando aos Pais dos alunos, o regime interno Escolar, onde os mesmos estarão sendo colocados a par do que é aceito e do que não aceito da Escola. Diante de tudo isso importa que os que estão envolvidos dentro do Sistema Escolar participem ativamente do Projeto, sendo assim a problemática da Violência Escolar será questionada sempre e olhada como um aspecto negativo, devendo assim estar longe de qualquer circunstância e atitudes de nossas vidas.

A Pacificação estará sendo trabalhada e desenvolvida através de: dinâmicas envolvendo casos de Violências no seio familiar, na escola, sendo colocado em pauta o respeito que devemos ter uns para com os outros; de trabalhos sobre o ser solidários uns para com os outros e isto deve ser trabalhado em todas as séries existentes dentro do âmbito Escolar; fazendo caminhada pela Paz, mobilizando a comunidade com faixas, cartazes e panfletos e músicas. Isto surtirá um efeito positivo, pois através do viver a solidariedade, todos os que estão engajados neste Projeto aprenderão a entender as dificuldades do outro e a respeitar os seus limites, elevando-se dentro de si mesmo o respeito pelo próximo.

## CONCLUSÃO

A sociedade tem sofrido significativas transformações. A família, núcleo primordial de educação tem vindo dissimuladamente a delegar esse papel para a escola, dado que é no contexto educativo que as crianças passam a maior parte do dia. Todavia, nenhuma outra instituição poderá jamais substituir as condições educativas da família, nem parece ser razoável que seja unicamente a escola a ensinar valores tão necessários para o normal desenvolvimento da criança tais como: a democracia, as regras para a sã convivência, o respeito pelo outro, a solidariedade, a tolerância, o esforço pessoal, etc.

À escola não se pode pedir que além de ensinar os conteúdos programáticos exigidos pelo Ministério da Educação, tenha também que ter a função educativa que compete aos pais. No meio de tudo isto, a verdade é que a violência continua a existir e a registrar-se cada vez mais na população jovem.

A escola não pode ignorar que os conflitos e problemas sociais existem, e por isso tem vindo a adaptar-se como pode. E é precisamente na escola que as crianças imitem comportamentos que diariamente observam. Meios onde proliferam os maus tratos físicos e psicológicos, onde as privações, a promiscuidade, a baixa escolarização, a pobreza andam de mãos dadas. Neste campo, urge uma intervenção conjunta realmente eficaz, fornecendo à população em risco modelos de conduta adequados ao desenvolvimento afetivo, intelectual e moral de todos os implicados.

Nós, sociedade democrática, somos responsáveis pelas conseqüências educativas das nossas ações. Terá que haver um esforço financeiro governamental, não só económico, mas também em nível de recursos humanos para que programas de combate à violência e exclusão social sejam realmente concretizados e obtenham bons resultados. Não podemos deixar que as crianças se transformem em futuros inadaptados ou futuros marginais, só porque não tiveram referências positivas na infância e porque as diversas entidades educativas se foram «esquecendo» que essas crianças também necessitam de carinho, de afeto, que também são seres humanos como todas as outras crianças.

Consciente de que este trabalho é insuficiente na abordagem desta temática, pois muito mais haveria a dizer, dado que o fenómeno da violência é muito amplo e surge em variadíssimos contextos, resta então cogitar que toda a sociedade se deveria mobilizar para proteger os cidadãos de amanhã, para que não tenham um futuro sombrio, enredados em sofrimento, privações e sem projetos de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **A criança e a vida familiar no Antigo Regime**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1988.

DELORS, Jacques [et.al.]. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 3ª Ed. Porto: Edições Asa, 1996.

FREUD, Anna. **Infância normal e patológica** (determinantes do desenvolvimento). 4ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 1987

PAIS, J. Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIault, Marguerite. **A violência na escola**. São Paulo: Summus, 1989.

COLLOR, FERNANDO. **Decreto nº 99.710, de 21 de Novembro de 1990**: Convenção sobre os direitos da criança. Disponível em: <http://www2.mre.gov.br/dai/crianca.htm>. Acesso em: 18/07/2011

AMARAL, TERESITA E. S. **Violência na Escola**. Disponível em: [http://www.carceraria.org.br/fotos/fotos/admin/Sistema%20Penal/Seguranca\\_Publica/Violencia\\_na\\_escola\\_CF%2009\\_apresentacao.pdf](http://www.carceraria.org.br/fotos/fotos/admin/Sistema%20Penal/Seguranca_Publica/Violencia_na_escola_CF%2009_apresentacao.pdf). Acesso em: 04/03/2011

ADRIANA. **Bullying: um assunto muito sério!**. Disponível em: <http://driantunes.blogspot.com/2011/04/bullying-um-assunto-muito-serio.html>. Acesso em 04/03/2011.

CÉSAR. BUENO LUIS. **Por uma Escola Pacificadora**. Disponível em: <http://www.luiscesarbueno.com.br/site/noticia.php?cod=1048>. Acesso em: 09/06/2011.